

Para Simonsen, a saída é um acordo com o FMI

"Ou o Brasil faz o acordo com o Fundo Monetário Internacional ou desembolsa todo o dinheiro." Assim, o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen reagiu à notícia publicada ontem por este jornal de que o Clube de Paris rompeu com o País, declarando sem efeito o acordo fechado em janeiro último em torno da renegociação da dívida.

Pelos cálculos do diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a reação do Clube de Paris — que reúne os bancos oficiais das nações desenvolvidas — é uma prova evidente de um "endurecimento" e só confirma a disposição da instituição em manter negociações com o governo brasileiro diante de um acordo prévio com o FMI.

Simonsen voltou a insistir na necessidade da suspensão da moratória dos juros de longo prazo da dívida — cerca de US\$ 4,3 bilhões — decretada em fevereiro último ou de um pagamento simbólico. Cauteloso, o ex-ministro considerou positiva a primeira rodada de negociações entre o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, e os bancos privados.

"Por enquanto, mostra uma luz no final do túnel. Resta saber se é o trem que vem em direção contrária", arrematou, bem humorado, o ex-ministro.

No seu raciocínio, a continuidade da moratória ou mesmo o não pagamento simbólico pode levar o País a perder os créditos de curto prazo, destinados às linhas comerciais. A posição adotada pelo Clube de Paris inscreve-se neste cenário de endurecimento, agravada em vista de a instituição ter uma postura bem mais inflexível do

que os bancos privados. O ex-ministro da Fazenda do início do governo Figueiredo alfinetou o PMDB, ao ser perguntado sobre as resistências do partido quanto a um acordo com o FMI, solução defendida por ele durante toda a entrevista coletiva. "Vamos, então, seguir à risca a ala radical do PMDB. Isso lembra o final daquela história de um indivíduo inteligente que acende o fósforo perto de um tanque de gasolina."

O professor da FGV usou, aliás, a mesma história para comentar a insistência do governo brasileiro em manter a moratória. Simonsen criticou ainda os economistas que associam a suspensão do pagamento dos juros a um fator positivo para a economia ao contribuir indiretamente para um crescimento positivo do PIB, na medida em que reduziu as transferências de recursos ao exterior.

"Não existe nenhuma relação entre as duas coisas. É o mesmo que querer encontrar uma relação entre a ruptura da Aliança Liberal (democrática) e o PIB", brincou. O ex-ministro da Fazenda mandou um recado para as autoridades, cobrando uma posição mais flexível nas negociações no "front" externo.

"Qualquer negociação envolve dois lados. Senão, vira bravata", resumiu. Simonsen que é membro do "board" do Citicorp, "holding" do Citibank, o maior credor da dívida brasileira, voltou a defender uma revisão do papel do FMI, que, na sua opinião, deveria ficar mais restrito ao acompanhamento das metas externas dos países endividados. O ex-ministro da Fazenda falou ontem no Clube de Engenharia, no Rio, sobre "Construção versus escassez de recursos".